

# VOS



**CORI-QI**

**Contribui  
e segue  
a gente!**



  **Voz Operária Socialista**

 <https://vosbrasil.org>

 <https://corici.org>

## **VOZ OPERÁRIA SOCIALISTA**

Março 2026 • Ano 2 • Número 2

# **8M: Combater o Machismo e o Capitalismo!**

**Por uma alternativa socialista e revolucionária  
para as mulheres trabalhadoras!**

# 3

Barrar a  
epidemia de  
feminicídios  
no país!

# 4

Os limites das  
experiências  
"progressistas"

# 6

Um programa  
de libertação  
das mulheres  
trabalhadoras

# 8M: Organizar as Mulheres Trabalhadoras Contra o Machismo e o Capitalismo!

**I**niciamos este mês de luta em meio a uma epidemia de violência. Pelo segundo ano seguido batemos o recorde de feminicídios. Cresceram as tentativas de assassinato e os casos de estupro.

Na América Latina, foram 3.828 vítimas em 2024. A violência contra as mulheres é a expressão mais brutal do projeto de opressão que o capitalismo impõe às trabalhadoras, ainda mais em um país subordinado como o Brasil, incapaz de garantir sequer o direito à vida.

Na crise capitalista, o imperialismo de Trump aprofunda a ofensiva sobre a América Latina, impactando diretamente as trabalhadoras brasileiras.

Aqui, as mulheres recebem em média 20% a menos que os homens, ocupam a maioria dos empregos informais e respondem por quase todo o trabalho doméstico não remunerado. São duplas e triplas jornadas: 24,2% do tempo das mulheres é dedicado a tarefas domésticas não pagas, contra 8,8% dos homens.

## Quem lucra com a nossa opressão?

A opressão das mulheres não é um erro do sistema — é parte do seu funcionamento. O trabalho doméstico não pago economiza fortunas ao capital. A ideologia machista justifica salários mais baixos e divide a classe trabalhadora.

Como Rosa Luxemburgo resumiu: as reivindicações da mulher proletária estão enraizadas no abismo entre explorados e exploradores. Discursos de “empoderamento” e do feminismo reformista que sustentam ilusões em governos que buscam humanizar o capitalismo terminam ajudando a burguesia a perpetuar nossa opressão.

## Nossa situação vai de mal a pior

As trabalhadoras — as negras em particular — sentem os efeitos da decadência capitalista de maneira mais acentuada. Nossos direitos estão entre os primeiros a ser rifados para satisfazer a sanha de lucro. Embora cada governo tenha seu discurso, há um fio de continuidade no aprofundamento da nossa precariedade.

Enquanto Bolsonaro cortou 90% das verbas contra violência doméstica. No governo Lula, as verbas do Ministério das Mulheres foram cortadas pelo Arcabouço Fiscal e o Ministério da Justiça executou apenas 0,1% do orçamento de combate à violência.

## Uma alternativa socialista e revolucionária para as mulheres trabalhadoras

O 8 de março nasceu da luta operária. Em 1910, Clara Zetkin propôs no Congresso de Mulheres Socialistas um dia internacional de luta. Em 8 de março de 1917, as operárias russas iniciaram a revolução marchando por pão e paz.

Essa memória foi apagada para transformar o 8M em data de flores. Resgatá-la é uma tarefa política.

A luta das mulheres trabalhadoras deve ser travada pelo conjunto da classe. É urgente avançar em direitos como salário igual para trabalho igual, socialização do trabalho doméstico e fim da dependência econômica que aprisiona mulheres ao agressor, entre vários outros.

Mas isso só pode ser sustentado como parte da luta por derrubar este sistema — ou seja, como parte da luta por uma revolução socialista que destrua as raízes da opressão.



Cartazes e fotos dos primeiros anos após a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia mostram o destaque que tinham as mulheres na sociedade revolucionária



# NEM UMA A MENOS!

## Barrar a Epidemia de Feminicídio no País!

**E**m 2025, o Brasil registrou um triste recorde de 1.518 feminicídios, além de 3.702 tentativas, um aumento de 26% em relação ao ano anterior.

Isso significa que diariamente pelo menos 4 mulheres são mortas e 10 sofrem tentativa de assassinato apenas por serem mulheres. Os estupros ultrapassaram 83 mil registros anuais e as agressões físicas cresceram 16,9%, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Porém, essa violência não atinge todas as mulheres da mesma forma: 63,6% das vítimas de feminicídio são mulheres negras, com quase o dobro de chance de serem assassinadas em relação às mulheres brancas. Mulheres das “classes” D e E, definidas a partir do critério de renda, relatam níveis de agressão física severa significativamente maiores.

Assim, este cenário demonstra que o que vivemos é uma epidemia de violência crônica, que expõe a incapacidade das instituições burguesas em garantir o direito mais básico às mulheres: a vida.

**Uma realidade gerada pelo descaso permanente dos governos!**

Sabemos da existência de leis que formalmente garantem alguns direitos importantes às mulheres, como a Lei Maria da Penha, mas elas não se concretizam da forma que precisamos.

Delegacias especializadas estão em apenas 10% das cidades e 80% delas não funcionam 24 horas. Casas-abrigo são insuficientes e a ausência de auxílio-aluguel e a garantia de emprego forçam muitas mulheres a retornar para o agressor.

O orçamento do governo federal para o tema confirma o descaso: o Ministério da Justiça executou apenas 0,1% do plano contra feminicídio, o Ministério das Mulheres usou só 14,29% dos

recursos autorizados em 2024. Em São Paulo não é diferente, o governo de Tarcísio prevê corte de 54,4% na Secretaria da Mulher para 2026.



O “Pacto Nacional Contra o Feminicídio” lançado por Lula não propõe nada além do que já existe em lei e não garante orçamento para nada.

Enquanto isso, seu Arcabouço Fiscal bloqueou R\$7,4 milhões do Ministério das Mulheres em novembro de 2025 e uma parte ainda maior do que estava destinado via emenda parlamentar.

**É preciso fortalecer a luta das mulheres trabalhadoras com independência!**

Entra governo, sai governo e a vida das mulheres segue sendo ameaçada. Nenhum governo foi capaz de garantir o mínimo, mesmo quando o Brasil teve uma presidente mulher.

É preciso avançar na organização independente das mulheres trabalhadoras, unindo suas demandas imediatas à luta por uma revolução socialista, que não deixe suas conquistas reféns dos interesses de quem lucra com a nossa opressão.



### Programa de Emergência Contra a Epidemia de Feminicídios e Violência Machista!

- Ampliar casas-abrigo, centros de referência e serviços especializados em todo o país, com aumento imediato de orçamento e punição de quem faz apologia a violência contra à mulher.
- Construir comissões de autodefesa e redes de solidariedade em sindicatos, escolas, bairros e movimentos.
- Combater o machismo dentro do próprio movimento: acolher vítimas e denunciar abusos internos é parte indispensável da luta.
- Incorporar a violência contra as mulheres à pauta de toda a classe trabalhadora: greves, ocupações e lutas por moradia, transporte e saúde.
- Unificar a luta das mulheres trabalhadoras com as lutas gerais da classe: a violência de gênero é parte de um sistema de opressão e exploração que só a organização independente pode enfrentar.

# Da Ilusão à Realidade: Os Limites das Experiências "Progressistas"

Nos últimos anos muitas companheiras se radicalizaram nas ruas para denunciar as opressões do capitalismo. Diversas correntes feministas dirigiram essas lutas.

Porém muitas dessas organizações veem uma suposta alternativa nos governos "progressistas", mesmo eles sendo economicamente ultraliberais e ultraconservadores em relação com os direitos das mulheres.

Com eles, as condições de vida das mulheres trabalhadoras não mudaram substancialmente.

## Os chamados "governos progressistas" e suas limitações nas políticas para as mulheres

O movimento de mulheres abrange diversas tendências ideológicas, de diferentes classes sociais e com estratégias e projetos políticos e ideológicos que são frequentemente opostos.

O problema central, portanto, não é definido por rótulos de "esquerda" ou "direita", mas pelos interesses de classe aos quais os programas, partidos e governos respondem.

Michelle Bachelet no Chile, Dilma Rousseff no Brasil e Cristina Kirchner na Argentina foram governos ditos "progressistas". Como posteriormente os de Gabriel Boric no Chile, Gustavo Petro na Colômbia, Lula no Brasil e Claudia Sheinbaum no México.



Esses governos "de esquerda" foram e são social-liberais. Mantêm uma renda extrativista, são fortemente dependentes do mercado global, cooptam movimentos sociais e confiam na redistribuição de riqueza dentro dos limites do capitalismo.

Em relação às "políticas de gênero" dão continuidade ao planejamento estratégico promovido pela ONU Mulheres e expandir a institucionalidade do Estado sob uma "perspectiva de gênero".

## Vivemos melhor?

Os sistemas de assistência [cuidados] aplicados em alguns desses países reforçam o confinamento ao lar e impedem o pleno desenvolvimento.



A "representação igualitária" é outra ilusão: o fato de haver mulheres em cargos governamentais não impediu que fossem administrados em favor de grandes empresários e grupos econômicos – tanto nacionais quanto transnacionais.

A incorporação de mão de obra feminina ao emprego concentrou-se onde se paga salários miseráveis. A falta de emprego de qualidade empurra as mulheres para a pobreza e a informalidade, enquanto a carga de tempo no trabalho doméstico aumenta.

Ao mesmo tempo, as taxas de feminicídios não diminuíram: na América Latina e no Caribe dezenas de mulheres são mortas violentamente a cada semana.

Se somarmos a isso a privação de direitos sociais básicos, o assédio no trabalho, a exploração sexual e os níveis de exploração no ambiente laboral, fica evidente que a principal forma de violência é estrutural e está enraizada na ordem social capitalista.

## Da ilusão à realidade

Os governos progressistas geraram grandes expectativas em algumas correntes feministas, mas se integraram ao sistema. A questão feminina ficou em segundo plano quando se chocou com as necessidades do capitalismo. Assim esses governos acabaram garantindo os interesses da grande burguesia e do imperialismo.

Nossas reivindicações devem se integrar à luta geral da classe trabalhadora contra os exploradores. Não basta declarar apoio aos direitos das mulheres: devemos atacar as causas profundas e acabar com a exploração e a opressão que impõe o capitalismo.

Para isso é essencial erguer as bandeiras da revolução socialista e travar uma batalha ideológica para conquistar as mulheres trabalhadoras para a perspectiva revolucionária, unindo todas e todos os explorados.

Leia o artigo completo no site -->



# Quem Ganha com a Nossa Opressão? E Qual é a Saída?

**T**odos os anos no 8 de março somos bombardeadas por campanhas que exaltam a feminilidade e o “empoderamento” feminino.

Porém, a realidade pouco muda: seguimos recebendo salários menores, sofrendo violência machista e acumulando a sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidados.

Discursos, homenagens e ações políticas que não se propõe a transformam a estrutura da sociedade não mudam nossas condições de vida.

## As perguntas-chave

Para entender o que fazer, é preciso perguntar: quem se beneficia com a opressão das mulheres?

Vivemos em uma sociedade baseada na exploração da classe trabalhadora para garantir os lucros da burguesia. Trabalhamos cada vez mais e os nossos salários são insuficientes para sustentar coisas básicas como saúde, alimentação, moradia e lazer. Enquanto isso, a burguesia vive uma vida de luxos.

Essa exploração atinge homens, mulheres e pessoas LGBT's, e é cada vez maior, com jornadas de trabalho exaustivas e menos direitos. Ainda assim, devemos perguntar: por que recai de forma ainda mais dura sobre nós mulheres?

## Salário e “custo”: como justificam pagar menos?



Para ampliar seus lucros, a burguesia se apoia e reforça o machismo, difundindo a “senso comum” de que somos mais frágeis e que custamos mais pela licença maternidade e cuidados com nossos filhos.

Mesmo quando empresas defendem a “igualdade”, nivelam por baixo o salário de homens e mulheres, jogando para baixo o salário de toda a classe trabalhadora

## Oprimir para dividir: violência, lar e disciplina social

Além disso, a opressão cumpre outro papel fundamental: dividir a classe trabalhadora, colocando homens e mulheres uns contra os outros.

A violência e a responsabilização quase exclusiva das mulheres pelo trabalho doméstico — não remunerado, mas essencial — também servem para manter essa estrutura.

Assim, a opressão garante maior exploração econômica e fortalece a dominação política da classe dominante.

## O beco sem saída da luta por igualdade dentro do sistema

Por isso, a luta contra a opressão das mulheres não é apenas das mulheres, mas de toda a classe trabalhadora. O discurso do “empoderamento” individual não basta, pois não questiona as bases econômicas do sistema.

A chegada de algumas mulheres ao poder - principalmente as burguesas - não altera a exploração que atinge a maioria, já que mulheres da classe dominante não abrem mão de seus privilégios.

A luta feminista que se limita a lutar por direitos e igualdade salarial é necessária, mas insuficiente se não enfrentar a estrutura capitalista que sustenta a desigualdade.

Enquanto o Estado atuar em defesa dos interesses da burguesia, os avanços serão limitados e reversíveis, como temos visto em governos da suposta esquerda, como os de Lula, Petros ou Bachelet, quanto os de direita, como os de Bukele, Trump e Milei.



Promessas e campanhas não impedem o crescimento da violência nem garantem condições dignas de vida.

Se queremos o fim da opressão, é preciso ir além de reformas pontuais. A emancipação das mulheres está ligada à superação do capitalismo e a construção de uma sociedade sem exploração nem opressão.

Uma sociedade em que a riqueza produzida pelo trabalho seja apropriada por quem a produz, garantindo uma vida plena para todas e todos.

*Continua na  
matéria da ->  
página 6*

# Um Programa de Libertação das Mulheres Trabalhadoras

A situação das mulheres piora a cada dia. O capitalismo transfere o peso de sua crise para nossas costas: ataca direitos, reduz salários e corta serviços públicos.



Nesse cenário, a classe trabalhadora deve se organizar para enfrentar empresas e governos. Mas, para acabar com a opressão das mulheres, é preciso ir além: construir uma sociedade que não seja movida pelo lucro de poucos à custa do sofrimento da maioria.

Defendemos que uma sociedade sem exploração e opressão é possível, como demonstrou a experiência dos primeiros anos da Revolução Russa.

Precisamos de um programa que atenda às nossas demandas e uma sociedade em que o poder seja de quem produz a riqueza: a classe trabalhadora.

## Trabalho e salário

Exigimos a redução da jornada sem redução salarial, sem perda de direitos e sem aumento da exploração; o fim das demissões sem justa causa; a revogação das reformas que precarizam o trabalho; aumento geral de salários e salarial igual para trabalho igual.

São medidas essenciais para diminuir a exploração e melhorar a vida da classe.

## Violência machista: recursos reais e não marketing

Precisamos de investimentos concretos em casas-abrigo, delegacias especializadas, atendimento médico e psicológico às vítimas de violência machista, renda que assegure independência financeira e punição aos agressores.

Para isso, temos que enfrentar a lógica que lucra com a opressão e impõe piores condições às mulheres.



## Socializar o trabalho doméstico: lavanderias e restaurantes

Exigimos de governos e empresas a criação de lavanderias e restaurantes comunitários de qualidade, retirando das mulheres o peso do trabalho doméstico não remunerado, gerando empregos com a socialização dessas tarefas.

## Cuidados como responsabilidade social: o papel do Estado

O cuidado de crianças, idosos e pessoas doentes não pode ser imposto às mulheres. Exigimos serviços públicos de assistência e o reconhecimento social das tarefas de cuidado, que devem ser assumidas pelo Estado.

## Infância e licenças: tempo para viver, não só sobreviver

Defendemos a ampliação das licenças-maternidade e paternidade até dois anos, com estabilidade após o retorno, permitindo que mães e pais compartilhem o cuidado na primeira infância, garantindo creches nos bairros e locais de trabalho, inclusive com funcionamento noturno.

## Direitos democráticos: igualdade jurídica

Exigimos igualdade jurídica plena entre homens e mulheres, eliminando qualquer forma de subordinação da mulher ao homem ou ao Estado.

## Direito de decidir sobre a maternidade

Lutamos pela descriminalização e legalização do aborto onde ainda é crime. A mulher deve ter o direito de decidir sobre seu corpo, com garantia de aborto seguro e gratuito pelo Estado.

## Organizações de classe sem violência

Sindicatos, associações e partidos devem combater a violência e a desigualdade em suas próprias estruturas, promovendo a participação ativa das mulheres e seu desenvolvimento.

## Revolução para libertar

Essas medidas enfrentam os interesses da burguesia. Por isso, a luta contra a opressão das mulheres é parte da luta contra o capitalismo. Organizar a classe trabalhadora para superar esse sistema é o caminho para a libertação das mulheres e construção de uma sociedade socialista.



# O Cansaço da Classe Operária



**D**urante décadas, trabalhadores saíam das fábricas com seus uniformes como símbolo de pertencimento e orgulho profissional. Hoje, essa imagem já não reflete a realidade da maior parte da classe operária brasileira.

Embora o trabalho fabril, muitas vezes invisibilizado em artigos, análises e pesquisas, continue sustentado por pessoas com experiência, saber e cultura, ele também segue marcado por um cansaço profundo que raramente ganha espaço no debate público.

Em 2025, houve um afastamento do trabalho por adoecimento a cada 8 segundos. Os acidentes e mortes decorrentes do trabalho cresceram após a pandemia; no primeiro semestre de 2025, mais de 1,6 mil trabalhadores morreram por acidentes de trabalho, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Em média, houve uma morte no trabalho a cada 5h29m.

## Salários insuficientes, dívidas e sonhos adiados

A exaustão da classe trabalhadora torna-se evidente diante de salários insuficientes, falta de perspectivas de ascensão social e sensação permanente de estagnação.

Dívidas crescentes comprometem não apenas a estabilidade financeira, mas também a dignidade e a saúde emocional de milhões de pessoas.

Projetos são adiados e sonhos básicos — como a casa própria — tornam-se cada vez mais inalcançáveis.

Nesse cenário, fortalece-se a ideologia do individualismo, expressa em discursos como “cada um por si”, “seja seu próprio patrão” ou “empreender é a solução”.

Essas ideias ignoram as condições estruturais que limitam as oportunidades da maioria e acabam responsabilizando o indivíduo por fracassos que são, em grande parte, coletivos e sistêmicos.

## Escape, sobrecarga e a luta pelo fim da escala 6x1

Sem perspectivas reais de melhoria, muitos trabalhadores re-

correm a formas de escape prejudiciais, como endividamento, apostas online e consumo excessivo de álcool.

O fato de metade dos adultos brasileiros consumir bebidas alcoólicas — com parcela significativa admitindo exageros — evidencia um problema social preocupante.

Ao mesmo tempo, jornadas extenuantes reduzem drasticamente o tempo disponível para lazer, descanso e convivência familiar, tornando a sobrecarga uma condição normalizada.

Nesse contexto, cresce o apoio ao fim da escala de trabalho seis por um, visto como tentativa de recuperar qualidade de vida.

## O peso dobrado sobre as mulheres

Não podemos deixar de denunciar essa realidade que o capitalismo nos impõe, sem deixar de olhar para as particularidades enfrentadas pelas mulheres, especialmente as mães, que acumulam dupla jornada sem rede de apoio.

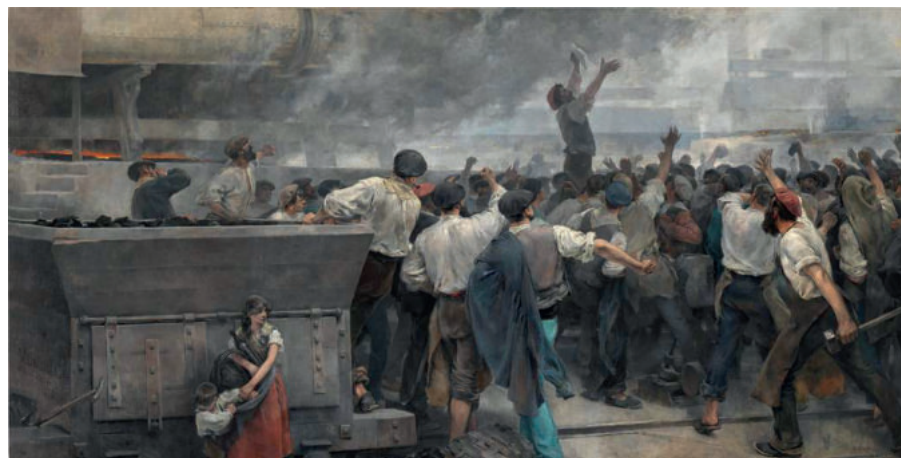
Além do trabalho fora de casa, recaem sobre elas tarefas domésticas, cuidados com os filhos, compromissos escolares e médicos, alimentação e a constante preocupação com quem cuidará das crianças enquanto trabalham.

Essa sobrecarga é profundamente adoecedora, tanto física quanto psicologicamente. A pressão para dar conta de tudo, somada aos baixos salários, gera frustração, ansiedade e sentimento de culpa pela ausência na criação dos filhos. Soma-se a isso o desgaste provocado por longos deslocamentos em transportes públicos precários.

## A saída é a luta organizada

Os trabalhadores devem se unir, se organizar no local de trabalho e fortalecer a capacidade de luta para enfrentar patrões e governos que sustentam a estrutura de opressão e exploração.

Avançar na construção de uma nova realidade em que a classe trabalhadora assuma o controle da produção e decida coletivamente os rumos do trabalho e da sociedade.



# A Disputa pelo Fim da Escala 6x1: Limites e Armadilhas nas Propostas em Debate

**A**pós rejeitar inicialmente o fim da escala 6x1, o governo Lula recalculou a rota de olho nas eleições de 2026. Diferente do que afirmou o Ministro do Trabalho Luiz Marinho (PT) em 2024 — de que o tema deveria ser tratado nas convenções e acordos coletivos — o Executivo diz defender a aprovação de alguma restrição à jornada.

Essa mudança de posição teve a ver com a ampla simpatia popular pela pauta, motivada pelo aumento da exploração e o cansaço acumulado pela classe trabalhadora.

Foi esse apelo que reposicionou não só o governo, mas também o centrão. Hugo Motta se adiantou ao Executivo e deu protagonismo às propostas da Câmara para dar credibilidade à sua gestão.

**Organizar a luta para defender o fim da 6x1 e a redução de jornada para 30h sem redução de salários!**

Mas ainda que a maioria das forças políticas aceitem, diante da pressão, pautar no Congresso o fim da escala 6x1, segue em disputa qual texto será aprovado.

O governo federal já sinaliza disposição de negociar longas regras de transição e compensações fiscais ao patronato.

Já alguns setores do centrão e da extrema-direita articulam propostas que, sob o pretexto de mudar a escala, na prática flexibilizam totalmente a jornada e o salário. É o caso da PEC 40/2025, do deputado Maurício Marcon (PODEMOS-RS).

No STF, o ministro Gilmar Mendes suspendeu todos os processos judiciais que contestam a pejotização, nos quais trabalhadores buscam ser reconhecidos como empregados. Além disso, o governo federal apresentou um PLP que permite jornadas de 12 horas diárias para trabalhadores de aplicativos.

Se esses ataques avançarem, uma eventual vitória contra a escala 6x1 beneficiará cada vez menos trabalhadores.

Neste cenário, é revoltante a paralisia das grandes centrais sindicais. Isso só se explica pelo fato de as suas cúpulas terem o rabo preso com o governo, subordinando qualquer movimento à agenda do Executivo e esvaziando nossa mobilização independente.

O chique que setores da burguesia têm dado, longe de expressar qualquer risco para a “economia nacional” — o que já foi desmentido por estudos recentes do IPEA —, reflete o desagrado com a possibilidade de seus lucros serem afetados.

Só conseguiremos viabilizar um projeto que expresse os interesses dos trabalhadores se a conta for paga com o lucro das maiores empresas do país.

**A escala 6x1 e a sobrecarga das mulheres trabalhadoras**

Neste 8 de março, a luta pela redução da escala 6x1 se combina com a luta contra a sobrecarga que recai sobre as mulheres, especialmente aquelas que acumulam várias jornadas - emprego, trabalho doméstico e cuidado com filhos ou familiares.

A Pnad/IBGE de 2022 mostrou que, em média, as mulheres gastam 21,3 horas por semana em afazeres domésticos e cuidados de pessoas (como crianças, idosos ou pessoas com deficiência), enquanto os homens gastam cerca de 11,7 horas.

Os direitos ao descanso, ao tempo livre, ao cuidado e à participação política não podem ser privilégios de alguns, mas do conjunto da classe trabalhadora.

Neste momento, é fundamental organizar o operariado industrial e a classe trabalhadora em geral, com independência.

Exigir do governo e do Congresso o fim da escala 6x1, com redução da jornada para 30 horas semanais e sem redução salarial, barrando todas as iniciativas de ataque aos direitos trabalhistas.



# O Banco Master e a "Democracia" Brasileira

O Banco Master foi liquidado pelo Banco Central em novembro de 2025. As acusações são de que o banqueiro Daniel Vorcara era o cabeça de um esquema repleto de fraudes.

Outros empresários, especialmente donos de fundos de investimentos, eram parte dessa rede que ronda os R\$ 50 bilhões.

## Relações que vão do PT ao bolsonarismo, passando pelo centrão e STF

Não há corruptos sem que haja corruptores: o objetivo de toda corrupção é favorecer interesses privados, os quais incidem diretamente sobre o que é público e lucram em cima.

Esse grupo começou a lucrar enormemente a partir da privatização de uma empresa pública na Bahia. Rui Costa (PT) era o governador e contou com importante participação de Jaques Wagner (PT).

Estabeleceram relações com o PL também na Bahia e em nível federal. Dali saíram doações de campanha milionárias para Bolsonaro (PL) e Tarcísio (Republicanos).

E o centrão não fica de fora, tendo sido parte das negociações com o banco público BRB, comandado pelo governo de Ibaneis Rocha (MDB), com a participação de Ciro Nogueira (PP-PI) e Antônio Rueda (União Brasil).

No judiciário Dias Toffoli mentiu ao dizer que não era dono de um resort e Alexandre de Moraes tem esposa e filhos cujo escritório de advocacia tinha contrato de R\$ 3,6 milhões por mês com o Banco Master.

Mesmo que se comprove que tudo tenha sido feito dentro das regras legais (o que duvidamos), fica evidente a serviço de quem e de que está o Estado e suas instituições: de os grandes empresários ganharem ainda mais dinheiro, diante de um país cada vez mais precário e explorado.

## Até que ponto esta democracia é mesmo democrática?

Enquanto toda essa gente rica está em liberdade (no máximo usando tornozeleira eletrônica), entre 30% e 40% do total de presos no Brasil estão presos preventivamente.

Ou seja: sem nenhum julgamento, legalmente ainda não são culpadas. Desses, 75% são negros.

O governo do Estado no capitalismo nada mais é que o gerencia-

mento dos negócios comuns da burguesia.

A classe trabalhadora não tem controle algum sobre nada, tudo é definido entre os grandes empresários e seus representantes nos 3 poderes.

Não há democracia de fato para nós, há apenas algumas liberdades democráticas.



## O que exigir diante de tamanho absurdo?

A primeira coisa seria a quebra total dos sigilos bancários e fiscais de todos os envolvidos.

Junto a isso uma investigação profunda sobre todos, sem exceção, e a prisão e o confisco de todos os bens desses que se aproveitaram de esquemas fraudulentos e de relações políticas.

Por fim, a estatização do sistema financeiro e o fim dos segredos financeiros, possibilitando maior controle sobre essa ciranda.

Quais são as chances de tudo isso acontecer? E caso acontecesse, resolveria alguma coisa para nós trabalhadoras e trabalhadores? Na sociedade em que vivemos, capitalista, onde o poder está nas mãos dos donos e donas do capital, as chances são nulas.

## Mudar radicalmente o país!

A organização e a luta da classe trabalhadora devem servir para que avancemos no sentido do estabelecimento do poder operário.

Em outras palavras: que seja a classe trabalhadora que mande na sociedade. Que o Estado burguês seja destruído, sendo substituído por um Estado Operário.

Só assim se abre a possibilidade de reorganizar a sociedade de forma que toda a riqueza produzida esteja a serviço de suprir as nossas necessidades, e não para enriquecer cada vez mais essa minoria de hoje. Assim se estruturaria uma sociedade socialista.

Leia o artigo completo no site -->



# Qual a Alternativa para os Trabalhadores?

A classe trabalhadora brasileira chega a 2026 exausta e endividada. O número de trabalhadores informais atinge a marca de 40,3 milhões, segundo o DIEESE. O “desemprego real” afeta 16,5% da população, um abismo em relação aos 6,4% anunciados oficialmente.

Cerca de 70% dos trabalhadores recebem até dois salários mínimos, enquanto o DIEESE estima que seria necessário R\$7.106,83 para sustentar uma família, ou seja mais de quatro vezes o salário mínimo atual.

Junto do crescimento da carestia, o endividamento atingiu o recorde de 79,5% das famílias, com 30% de inadimplentes presos num ciclo que a propaganda oficial do governo tenta esconder.

Nessa realidade, o apoio à luta pelo fim da escala 6x1 e pela redução da jornada expressa o esgotamento e descontentamento acumulado. Mas essa batalha segue em aberto.

O governo sinaliza compensações fiscais ao patronato que podem desidratar qualquer avanço. Na câmara, surgem projetos para flexibilizar totalmente a jornada e salário. Enquanto isso, no STF, o ministro Gilmar Mendes suspendeu os processos que atacam a pejetização.

## Não existe alternativa possível dentro do capitalismo



O governo Lula tem mostrado na prática que não está do lado dos trabalhadores. Além de não revogar as Reformas Trabalhista e da Previdência, promoveu R\$71,9 bilhões em cortes que afetaram áreas sociais.

Enquanto isso, não se mexeu para enfrentar o setor financeiro, onde os quatro maiores bancos lucraram R\$125 bilhões em 2025.

Para o Agro, o governo destinou um Plano Safra recorde com R\$516,2 bilhões ao agronegócio empresarial, contra apenas R\$78,2 bilhões para a agricultura familiar.

A realidade é que este governo mantém o país no ciclo da dependência, subordinado ao imperialismo, enquanto a maioria está no sufoco. Por isso, não espanta que cerca de 59% dos brasileiros digam não se sentir representados pelo atual governo.



Se a insatisfação com o governo é justa, a extrema-direita e a direita tradicional tampouco representam alternativas para os trabalhadores.

O governo Bolsonaro levou o Brasil ao Mapa da Fome da ONU, com 33,1 milhões em insegurança alimentar. Na pandemia, sua política negacionista causou mais de 700 mil

mortes, enquanto destinava quase quatro vezes mais recursos aos bancos do que aos 68 milhões que precisavam do Auxílio Emergencial. Por fim, tentou um golpe de Estado.

Essa coalizão de corruptos e entreguistas hoje tenta se recompor pela candidatura de Flávio Bolsonaro, aguardando nova oportunidade para golpear a classe trabalhadora.



## Construir uma alternativa socialista e revolucionária para os trabalhadores

Diante dessa situação, é urgente construir uma alternativa sem rabo preso com os patrões. O capitalismo já deu provas de sua incapacidade em atender à maioria.

Para romper com esse parasitismo, defendemos um projeto socialista para o Brasil: organizar a produção em função das necessidades da maioria, não dos lucros de uma minoria.

É preciso construir entre os trabalhadores uma alternativa socialista e revolucionária — que denuncie os ataques imperialistas de Trump, desmascare o papel das instituições desta falsa democracia e coloque no centro os interesses da nossa classe.

## Por uma alternativa revolucionária e socialista!

### Contra o Governo Lula!

### Nem extrema direita nem PT!

### Por um governo operário e socialista no poder!

Leia o artigo completo no site -->



# Trump 2.0: Guerra para Fora, Terror para Dentro

O segundo mandato de Donald Trump não é uma excentricidade pessoal: é a tentativa de recompor a autoridade imperial em um mundo mais convulsionado e, ao mesmo tempo, disciplinar por dentro uma classe trabalhadora diversa e precarizada.

A ofensiva combina sanções, chantagem e ameaças externas com racismo de Estado, perseguição a imigrantes e criminalização do protesto. Mas essa ofensiva não avança sobre um bloco monolítico.



A resistência de massas reaparece no coração do imperialismo e, ao mesmo tempo, abrem-se fissuras institucionais e choques entre frações capitalistas que encarecem a governabilidade do trumpismo.

No front interno, a política migratória funciona como alavanca de terror. O ICE atua como força de choque para semear medo em bairros, locais de trabalho, escolas e hospitais: não busca apenas expulsar, mas dividir e baratear a força de trabalho. A administração pretende construir uma camada de trabalhadores “sem direitos” como advertência para toda a classe.

No entanto, a resposta mais importante não veio do Partido Democrata nem dos salões judiciais: veio de baixo.

Redes comunitárias de alerta, acompanhamento legal e material, piquetes, ações noturnas (“no sleep for ICE”) e coordenação entre organizações mostram uma realidade: quando o Estado tenta impor silêncio, fortalecem-se a autodefesa popular e a unidade de luta.

A indignação diante de assassinatos e abusos acelerou essa coordenação. Ali onde o aparato repressivo tenta criminalizar as vítimas, a rua politiza o fato e empurra sindicatos, organizações de bairro e coletivos de direitos civis a atuar em conjunto, utilizando as ferramentas da classe trabalhadora, como o chamado de greve geral.



Essa dinâmica rompe o isolamento, eleva a confiança na ação direta e demonstra que a força social organizada pode frear — ainda que parcialmente — o aparato de deportação.

## América Latina

O quadro se conecta com a América Latina. A Venezuela segue sendo alvo por sua energia e pelo valor exemplar de derrotar toda pretensão de soberania: sanções, ameaças e planos de “transição” tutelada buscam reordenar o saqueio, não melhorar a vida do povo trabalhador.

O mesmo método se desdobra na região: endividamento, pressão comercial e chantagem política. Por isso, a luta contra a caçada do ICE dentro dos Estados Unidos deve se unificar com a luta contra as agressões imperialistas no continente: é a mesma maquinaria, com instrumentos distintos.

## Oriente Médio

No Oriente Médio, a retórica de “paz” encobre a administração colonial. Planos de cessar-fogo sem justiça buscam congelar a resistência palestina e garantir impunidade ao Estado de Israel.

Nesse tabuleiro, a escalada contra o Irã revela a lógica nua e crua: impor dominação regional a ferro e fogo.



Uma posição revolucionária precisa é: defesa militar incondicional do país agredido diante do ataque imperialista, sem conceder apoio político ao regime burguês e repressivo; a saída de fundo passa pela organização independente da classe trabalhadora.

## As complicações em seu terreno

Trump também se enfraquece por contradições dentro do seu próprio campo. Primeiro, o choque com a Suprema Corte: o tribunal bloqueou tarifas globais impulsionadas por Trump sob a IEEPA, marcando limites ao “governo por exceção”.

Não é uma vitória democrática: é o Estado burguês defendendo previsibilidade para o capital quando o Executivo empurra choques que desorganizam mercados e alianças.[1]

*Continua na página 12 ->*

Segundo, a crise pela Groenlândia. O impulso por anexação/ controle acelerou dúvidas europeias sobre a confiabilidade de Washington e alimentou a busca de um “pilar europeu” de defesa dentro da OTAN; mesmo analistas do establishment advertem que a coerção pode “voltar contra” enfraquecendo a coesão aliada.

Isso abre uma contradição material: Trump exige rearmar a Europa, mas quando a UE tenta fazê-lo com “compra local” e base industrial própria, Washington se opõe porque ameaça a fatia de mercado de seus fabricantes de armas.[2][3][4]

Terceiro, a guerra tecnológica. O conflito com a Anthropic por limites ao uso militar de IA — e a decisão do Pentágono de catalogá-la como “risco de cadeia de suprimentos”[5], enquanto se firmam contratos milionários com outros fornecedores — expõe fricções entre aparato de guerra e capital tecnológico[6].

Uns buscam máxima flexibilidade; outros tentam impor “guardrails” para reduzir custos reputacionais e regulatórios. Trump intervém para disciplinar fornecedores e ordenar o mercado sob lógica de segurança/obediência.

### Os ataques deles e a nossa saída

O 8M e as lutas contra o racismo e a deportação se entrelaçam aqui: o capital usa a opressão para baratear salários e dividir. Por

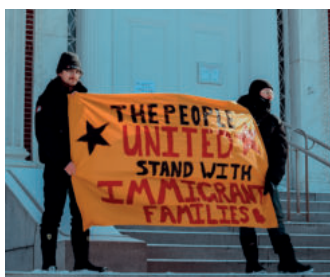
isso, cada batida freada, cada greve solidária e cada mobilização contra a guerra deve elevar a organização permanente: comitês nos locais de trabalho, coordenação entre cidades e internacionalismo ativo.

Sem ferramenta política própria, a indignação é capturada pelo Partido Democrata e direcionada para o eleitoralismo. A tarefa é transformar resistência em força consciente: direitos plenos e anistia, fora ICE, não à militarização da IA, e fim de sanções e agressões.

Essas fissuras não substituem a tarefa central. Trump não cairá por contrapesos burgueses, mas quando a luta de nossa classe tornar ingovernável seu programa: contra a repressão e o ICE, contra a guerra e o saqueio, por direitos plenos, autodefesa e coordenação nacional e internacional.

Não se deve idealizar as rachaduras de cima: são disputas pelo método de dominação. Mas entendê-las ajuda a golpear melhor: quando o inimigo se divide, a mobilização pode avançar com mais força e clareza, construindo uma alternativa política própria da classe trabalhadora.

Essa organização deve ser independente de democratas e republicanos e solidária com os povos agredidos na América Latina e no Oriente Médio. Nesse caminho, a construção de uma direção revolucionária é condição para superar o decadente sistema capitalista.



[1] IEEPA é a International Emergency Economic Powers Act, lei federal dos EUA que autoriza o presidente a declarar emergências nacionais e impor determinadas sanções e restrições econômicas. Reuters, “US Supreme Court strikes down Trump’s global tariffs”, 20 de fevereiro de 2026, consultado em 1 de março de 2026.

[2] Reuters, “Europe aims to rely less on US defence after Trump’s Greenland push”, 15 de fevereiro de 2026, consultado em 1 de março de 2026.

[3] Center for Strategic and International Studies (CSIS), Philip Luck, “Why Economic Coercion Over Greenland Would Backfire”, 28 de janeiro de 2026, consultado em 1 de março de 2026.

[4] Reuters, “US officials object to European push to buy weapons locally”, 2 de abril de 2025, consultado em 1 de março de 2026.

[5] Reuters, “Anthropic says it will challenge Pentagon’s supply chain risk designation in court”, 28 de fevereiro de 2026, consultado em 1 de março de 2026.

[6] Reuters, “OpenAI details layered protections in US defense department pact”, 28 de fevereiro de 2026, consultado em 1 de março de 2026.

----- xxxxx -----

**VENHA CONSTRUIR COM A GENTE UMA ORGANIZAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL,  
DEDICADA EM ESPECIAL ÀS LUTAS OPERÁRIAS, POIS A INDÚSTRIA É O CORAÇÃO DO CAPITALISMO.  
VENHA PARA A VOZ OPERÁRIA SOCIALISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORI-QI!**

